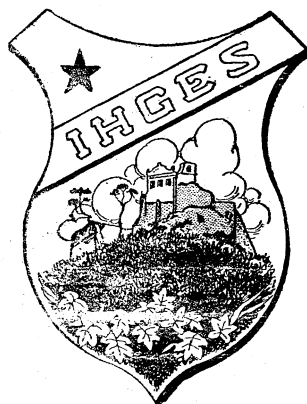


REVISTA
DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO ESPIRITO SANTO
FUNDADO EM 12 DE JUNHO DE 1916

Reconhecido de utilidade publica pelo governo Federal e pelo Estadual

Numero 8 **=====** Abril de 1935



*O' jovens Brasileiros,
Descendentes de heróes, heróes vós mesmos,
Pois a raça de heróes não degenera ;*

.....
*Imitai-os para que elles, do sepulchro,
Vos chamem, com prazer, seus caros filhos!*

NATIVIDADE SALDANHA

VICTORIA
ESTADO DO ESPIRITO SANTO
OFFICINAS DA «VIDA CAPICHABA»

UM DICIONARIO INEDITO DA LINGUA INDIGENA

Comunicação feita, em 5/7/934, á Academia de Letras, pelo sr. Felix Pacheco — Como o Padre Serafim Leite, examinando o volume manuscrito, chegou a identificar o autor do trabalho — Quem foi e o que fez o jesuita brasileiro Pero de Castilho— Cabe á nossa terra a gloria de ter sido berço do primeiro autor de um dicionário da lingua dos indios que habitavam o Brasil— Cartas trocadas entre o eminente historiador portuguez da Companhia de Jesus e o autor da comunicação á Academia de Letras.

Na sessão semanal de hontem da Academia Brasileira de Letras o Secretário Geral Sr. Felix Pacheco leu a seguinte comunicação, que despertou grande interesse e entusiasmo entre os seus collegas:

“Sr. Presidente: Partiu domingo para Espirito Santo e Bahia o eminente jesuita portuguez Padre Serafim Leite, incumbido pelos seus superiores de completar a historia da Companhia no Brasil.

Da relevancia dessa missão já nos disse o douto sacerdote aqui mesmo neste recinto, quando foi de sua apresentação á Academia pelo intermedio prestigioso de Afranio Peixoto, uma especie de grande irmão leigo, da benemerita Ordem e cuja alta sciencia talvez não creia em tudo que seja religião, mas que nisto dos prodigi-

os da catechese dos jesuitas na formação do Brasil positivamente crê como tão lindamente o tem provado no seu pertinaz e bem succedido esforço para a publicação das *Cartas* e ainda ha pouco o confirmou no seu recente e optimo discurso de paranympho da ultima turma do Collegio Santo Ignacio.

Logo de entrada, trouxe-nos o Padre Serafim a novidade succulenta da biographia de Anchieta pelo Padre Caxa. O ultimo numero de nossa *Revista*, correspondente a Junho findo, inserida nada menos de quatro preciosas contribuições do illustrado sacerdote, resultado de suas pacientes pesquisas nos archivos da Companhia. E a esses trabalhos todos temos de ajuntar a sua excellente conferencia de S. Paulo, projectando luz nova nas relações entre João Ramalho e os jesuitas que Nobrega chefiava em Piratininga.

Afranio Peixoto não quiz que o Padre Serafim partisse do Rio sem visitar a minha collecção de obras raras e manuscriptos sobre os jesuitas. Não é grande essa collecção, limitando-se a uns 200 numeros, e sobrando-lhe apenas em qualidade o que lhe falta em quantidade. Figuram nesse sector de minha Brasiliana os dois volumes de Balthazar Telles, que pertencerem a Eduardo Prado, *Imagem da Virtude* do Padre Franco, uma collecção completa dos famosos *Avissos*, com as quatro portas em edições *princeps*, as *Lettres Edifiantes*, varias edições das mais antigas de Figueira, muita cousa sobre Anchieta, todo o Vieira e o Simão de Vasconcellos, e ainda Ribadeneyra, Nieremberg, João de Lucena, a *Vida do Belchior de Pontes* pelo Padre Manoel da Fonseca, Maffei e Acosta nas edições latinas e francezas mais antigas, Montoya, Mamiani, o *Martyrologio Romano*, tresladado do latim em

portuguez por alguns padres da Companhia de Jesus (Coimbra, 1591), o *Treslado das Quatro Bullas Apostolicas* em que se contem a confirmação á declaração do instituto da Companhia de Jesus (Evora, 1601), o *De Rusticis Brasilicæ Rebus Carminum*, de José Rodrigues Mello, com o complemento de Prudencio do Amaral sobre o assucar (Roma 1781), para não citar senão os livros principaes.

Quatro peças, entretanto, sobrelevam nessa minha colleção e aqui as trago para mostrar aos collegas, que desejarem conhecê-las.

A primeira é uma edição rarissima (1551) intitulada:

Copia de umas cartas embiadas del Brasil por el Padre Nobrega de la companhia de Jesus: y otros padres que estan debaxo de su obediencia: al padre maestre Simon preposito de la dicha Companhia en Portugal: y a los padres y hermanos de Jesus de Coimbra. Tresladados de Portugues em Castellano. Recebidas el ano MDLI.

Cito a seguir os tres volumes manuscriptos:

Carta del Padre Roman, Superior de Las Misziones del Rio Orinoco em respuesta al Informe que el Rey Senñor D. Phelipe quinto, que Dios aya le pediò de las dichas Misziones por Diziembre de 1729. (A carta tem muitas referencias ás missões jesuíticas do Rio Negro e será breve publicada).

Catalogo dos Religiosos da Companhia de Jesus presos na Fortaleza de S. Gião desde o anno de 1759 até 1766. (Essa relação traz a biographia abreviada de cada padre preso, indicando os que morreram no carcere, e o destino que tiveram os que foram soltos. Ha numerosos da dprovincia do Brasil).

Mas o Manuscrito principal é um vocabulário indígena datado, no fim, de Piratininga, 22 de Agosto de 1622, com uma segunda parte, em letra diferente, referindo apenas os nomes das partes do corpo humano, e dando o jesuita Pêro de Castilho como autor.

Seria esse Pero de Castilho também autor da 1.^a parte, mais volumosa e mais completa?

Quando vi esse volume manuscrito na filial dos Irmãos Maggs em Paris, percebi logo a sua enorme importancia, e, animei-me a compral-o, apesar do seu alto preço.

Mas não pude até hoje, e não o pode Rodolfo Garcia, nem Affonso Taunay, identificar o verdadeiro autor. O Padre Serfim Leite, porém, havendo examinado detidamente o livro em minha bibliotheca, está convenido de que é mesmo Pero de Castilho o autor.

E isso tem uma importancia incalculavel, porque acontece que Pero Castillo era genuinamente brasileiro. Anchieta e Figueira, que foram os primeiros que nos disseram da lingua do indio eram estrangeiros: Anchieta da ilha de Teneriffe, e Figueira, de Almodavar. Pero de Castillo era natural do Espirito Santo e estudou e recebeu ordens na Bahia. Foi, assim, o primeiro nacional, que compendiou num largo e bem feito dictionario a lingua dos indios.

Vou lêr á Academia a carta do erudito Padre Serafim Leite e a minha resposta, para que a auspiciosa revelação e descoberta fiquem constando dos annaes da casa:

A carta do Padre Serafim Leite e a nota inédita que a acompanhou

Rio de Junho, 28 de Janeiro de 1934

Exmo. Sr. Dr. Felix Pacheco, meu illustre Amigo.

Tenciono embarcar para a Bahia, domingo, no *Duque de Caxias*. Mas não quero deixar o Rio sem agradecer a V. Ex. o prazer intellectual que me proporcionou com a visita á sua esplendida livraria, e com a concessão do *Jornal do Commercio*.

Terei occasião de mandar para o seu jornal alguma collaboração escolhida, sobretudo depois que começar a redigir a *Historia da Companhia de Jesus no Brasil*. Procurarei communicar ao publico brasileiro as primicias de alguns capitulos mais interessantes por seu intermedio. Entretanto enviarei algumas cartas ou noticias ineditas.

E agora alviçaras! pela bôa nova, tambem inedita, que dou a V. Ex.

Pela nota adjunta verá que Pero de Castilho é brasileiro, *natural do Espirito Santo*. Isto quasi que é sensacional; falando á maneira jornalística, pois até agora os grandes tupinologos eram todos de fora do Brasil, e apparece-nos agora um — e dos maiores — nascido cá.

Falando hontem, por acaso com o snr. dr. Rodolpho Garcia, dei-lhe, com essa noticia, uma verdadeira alegria. E creia que não é menor a que experimento, quando as minhas investigações me levam a tão bons resultados.

V. Ex., que foi a occasião providencial desta descoberta e o feliz possuidor do precioso manuscrito brasileiro de Pero de Castilho, poderá fazer o uso que entender destas indicações.

E fica sempre á sua inteira disposição o que é

De V. Ex. admirador e menor criado — *Serafim Leite* S. I.

PEDRO DE CASTILHO

NOTA INEDITA

O P. Pero de Castilho é natural da *Villa do Espirito Santo*, onde nasceu em 1572. Entrou na Companhia de Jesus, na Bahia, em 1587, com 15 annos de idade. Estudou gramatica durante 4 annos e theologia moral por algum tempo.

Em 1606 já era sacerdote, e em 1608 fez os ultimos votos de Coadjutor Espiritual.

Foi Superior dalgumas Aldeias de Indios (era-o em 1616 da Aldeia de S. João Baptista, annexa ao Collegio da Bahia).

Fez duas grandes entradas ao Sertão : uma em 1613 ao Rio Grande ; outra em 1621 ao interior da Bahia com o P. José da Costa Siciliano.

Da sua primeira missão deixou uma preciosa narrativa, dirigida ao P. Henrique Gomes, Provincial do Brasil, e escripta de Pernambuco, a 10 de Maio de 1614, em portuguez, intitulada *Relação da Missão do Rio Grande : 1613-1614*.

Possuo copia photographica desta narração, ainda inedita.

O P. Pero de Castilho dominava perfeitamente a lingua brasilica, que aprendeu na meninice.

Ainda vivia em 1621 no Collegio de Pernambuco com 59 annos de idade e boa saude.

E' a ultima referencia, que achei deste grande cultor da lingua tupy, nos documentos que tenho a mão. Talvez ainda encontre outro em estudos subsequentes. Mas estes são já por si realmente notaveis, e a propria relação da missão inclue outros... (Cf. Archiv. S. I. Roman., *Bras.* 5 (I), ff. 59x, 81v, 116, 123, 135v; *Bras.* 8, ff. 179 - 180).

Serafim Leite S. I.

Rio de Janeiro, 29 de Junho de 1934.

Illmo. Revmo. Padre Serafim Leite.

Não quero deixar o illustre amigo partir para a Bahia sem lhe exprimir de modo muito especial o meu vivo agradecimento pela sua bondosa carta de 28 do mez passado.

Já providenciei para que o *Jornal do Commercio* lhe seja remettido regularmente com o endereço vindo no cartão, que acompanhou sua missiva.

Com o cabedal formidavel que até agora reuniu e com os elementos e achêgas que ainda seguirá colhendo em suas pacientes e exhaustivas peregrinações pelos archivos riquissimos da Ordem a que pertence e de que é um verdadeiro ornamento, imagino facilmente quantas contribuições valiosas não haverá de trazer á nossa historia, toda ella, no seu difficil e glorioso inicio, obra indiscutivel da abnegação e clarividencia da benemerita Companhia de Jesus.

Inutil dizer-lhe o prazer com que o *Jornal do Commercio* receberá qualquer artigo, que o amigo deseje vêr publicado no Brasil.

Espanta-me o que tão de prompto poude informar-me a respeito do autor do vocabulario manuscripto, que teve ensejo de folhear na visita com que me honrou, e á minha modesta bibliotheca.

Faço, por ahi, idéa de como é farto o material que já ajuntou para a grande historia, que projecta escrever.

Na sessão de quinta-feira proxima hei de fazer uma communicação á Academia, lendo a sua preciosa nota inédita, e mostrando aos meus collegas do Petit Trianon o volume manuscripto, que em 1928 comprei na Europa.

Rodolfo Garcia teve em mãos varios mezes

esse Vocabulário e, pelo que me disse, o considera superior aos outros já conhecidos.

Se achar, como espero achar, especialista que se queira incumbir do trabalho de rever e prefaciá-lo, farei imprimir o volume, rendendo desarte homenagem condigna ao primeiro brasileiro que, seguindo as pégadas luminosas de José de Anchieta e Luiz Figueira, dicionarizou o falar dos nossos índios.

Seria importante uma confrontação da letra do tomo manuscrito em meu poder com o da *Relação da Missão do Rio Grande*, 1613-1614, de que o amigo tem cópia photographica. Não me poderia favorecer com um pequeno trecho dessa cópia? Qualquer página ou meia página bastaria.

Vejo da nota que me mandou, que em 1621 Pero de Castilho andou pelo interior da Bahia com o Padre José da Costa, natural da Sicília.

Se pudessemos fixar a data de seu retorno dessa entrada no sertão, seria muito importante.

E mais importante ainda se lograssemos comprovar que Pero de Castilho esteve em S. Paulo no anno immediato, isto é, em 1622.

Lembro-lhe, a proposito, que o volume traz no alto da folha de rosto desenhado:

VOCABULARIO NA LINGUA
BRASILICA, 1621

Não é esse, entretanto, o anno que vem indicado na quadra rimada de fecho do livro, depois das palavras — "Laus Deo Virginique Matri":

"Este livro intitulado
Vocabulario Brasil,
Foi começado em Abril,
Porem em Agosto acabado".

"1622"

Aos 22 de Agosto oitava de Assunção de Nossa Senhora. E em Piratininga.”

A sua nota diz que elle fez em, 1613, uma entrada ao sertão do Rio Grande.

E’ natural que tenha para isso partido de São Paulo.

Mais nesse mesmo anno já devia estar de regresso.

Recordo, a proposito, que o começo da 2ª parte do livro, escripta, como viu, com letra diferente, diz :

“Nomes das partes do corpo humano, pela Lingua do Brasil, com primeiras, segundas e terceiras pessas, e mais differenças que nelles ha; muito necessários aos confesores que se occupão no menisterio de ouvir confissões e ajudar aos indios, onde de continuo servem.

Juntos por ordem alphabetica pera mais facilmente se acharem e saberem, pelo Padre Pero de Castilho da Companhia de Jesus. Anno 1613”.

Não ha duvida que o volume manuscripto em meu poder, comprado em 1928 aos livreiros Maggs pela somma de 50.10 sh., é o mesmo que figura sob n. 30.200 no Catalago de venda de Quartch (Julho de 1885), de onde o Padre Carlos Sommervogel tirou a referencia, que vem no tomo II, col. 846, da *Bibliothèque de la Compagnie de Jesus*.

Se me quizesse o esforçado pesquisador fornecer copia dos documentos que possui sobre esse Pero Castilho (e eu me comprometto desde já a pagar as despesas que a reproducção dessas copias acarrete), seria um alto favor.

Presumo que vamos por bom caminho e levamos segura pista.

Ha tanta cousa ainda a relatar dos traba-

lhos herculeos e proveitosos da Companhia de Jesus nos começos do Brasil!

Tenho cada vez mais a impressão de que o nosso paiz deve aos jesuitas tudo que depois teve a fortuna de poder vir a ser. As primeiras paginas das chronicas de nossa vida nacional, foram elles que as escreveram. Estão assim, e para todo o sempre, dentro dos alicerces mesmo da nossa propria nacionalidade, como elemento principal de seu destino e de sua formação.

Bem haja, meu nobre amigo, a tarefa que tomou aos hombros e com tamanho brilho está desempenhando, de encher os claros, que ainda subsistem nessa opulenta historia!

Creia que não poderia Vossa Reverendissima prestar mais util serviço á sua benemerita Companhia e ao Brasil e a Portugal, do que proseguindo nessa bella empresa literaria, de inteira reconstrucção da verdade á luz de documentos, por emquanto não sabidos e ineditos.

Junto o volume que lhe destino das *Duas Charadas Bibliographicas*, com um outro que lhe peço fazer chegar á Bibliotheca Nacional de Lisbôa, onde ha especialistas de nota que talvez possam ajudar a esclarecer o caso do *Luzeiro Evangelico*, o primeiro livro impresso em portuguez na America, e definir a autoria desse trabalho, esmiuçando bem a pseudonymia de Juan Baptista Morelli, disfarce de que usou Frei Fulgencio Leitão em outras obras, sem que se possa affirmar, com segurança, que lhe caiba igualmente a paternidade daquella de que se trata.

Espero que examine tambem o caso do jesuita chileno, filho de portuguez de que me occupo no fim do volume e para o qual chamou minha attenção o seu distinto collega de São Paulo, Padre Murillo.

Desejando-lhe bôa e fructuosa viagem, subcrevo-me com o mais alto apreço e a mais agrada decida estima e consideração

Crdº Attº Obgº, seu Admor.

Felix Pacheco

Terminada a leitura da communição o Presidente, Sr. Barão de Ramiz Galvão, declarou que a Academia recebia com especial agrado a noticia que o Sr. Felix Pacheco lhe trazia, e salientou a importancia da revelação bibliographica de que a casa tivera as primicias.

O Sr. Roquette Pinto, pedindo a palavra declarou que a Academia de Letras devia considerar como um de seus melhores dias aquelle em que lhe era participado tão importante achado. Lidando de perto com todos esses assumptos, que se prendem aos nossos aborigenes, estava bem em condições de avaliar a importancia de um lexico da natureza daquelle de que se trata, de data tão afastada, o primeiro que se fez, e foi feito por um brasileiro. E o regosijo dos especialistas era tanto maior quanto o feliz proprietario desse precioso cimelio, ao mesmo tempo em que fazia a sua interessante communição á Academia, acrescentava a promessa da publicação do valioso trabalho.

Os quatro volumes sobre que versou a communição do Sr. Felix Pacheco estiverem na occasião expostos na meza e foram examinados e apreciados por todos os academicos, presentes á sessão.

(Ext. do "Jornal do Commercio", do Rio de Janeiro, de 6-7-1934)